

O ANO QUE VEM

ESTAMOS a quatro dias do começo do ano de 1958. Vai este ser recebido com as esperanças fagueiras que a pobre Humanidade põe em todos os começos de ano. Espera sempre que o próximo seja melhor. É uma atitude de optimismo que fica bem, que revela um saudável desejo de melhores dias. Na transição do velho para o novo ano sente-se como que um alívio e tem-se a impressão que se abre em nós uma vida que vai começar-se a viver. Por vezes esquecemo-nos das grilhetas materiais que nos prendem à rotina da existência. E só por momentos, porque transposta a fracção cronológica do velho para o novo ano, verificamos que nada mudou — as dificuldades continuam para aqueles que nunca as conseguiram vencer; os desajogados não sentem desejos de se criarem dificuldades nem de reduzir o seu quinhão de prazer; os tristes não se tornam alegres e os alegres não vislumbram motivo para se entristecerem. Tudo, portanto, como na véspera. O que não impede que brilhe a pávida estrelinha da esperança...

Há no homem o desejo latente de fuga às dificuldades e às realidades quando a cruzada destas lhe não é propícia. Talvez isto seja uma atitude de cobardia ou uma deformação mórbida. De qualquer modo o sentimento de fuga existe. E fuga, seja ela de um presidio, seja das realidades da vida, significa delinquência moral. Desta só os santos se podem eximir. Daí que o ano que vem não nos pareça diferente do ano que vamos deixar, com o pormenor

Conclui na 5ª página

CADA ATUNEIRO JAPONÊS PESCA ANUALMENTE CERCA DE 3.000 TONELADAS DE ATUM

VIGO (Especial para o «Jornal do Algarve») — Vimos num diário local uma curiosa entrevista com dois técnicos de pesca japoneses que certamente será lida com muito interesse pelos industriais e pescadores de Vila Real de Santo António e do resto do Algarve onde, segundo as notícias que nos têm chegado, a pesca tem sido activada nos últimos anos. É pena que os pescadores portugueses do litoral algarvio não ensaiem vãos mais amplos no sentido de obterem maiores contingentes de atum para as

suas fábricas, o que não nos parece difícil se se apetrecharem convenientemente para esta pesca que com tanto proveito realizamos aqui e em todos os portos do Norte de Espanha. E ela tem valido às nossas fábricas de conservas que este ano registam também uma apreciável manipulação de sardinha, espécie que se julgava extinta na região galaica. O biqueirão também nos visitou o mês passado, tendo-se feito algumas capturas interessantes, nada comparadas no entanto com as volumosas pescas efectuadas noutros portos mais ao Norte. Mas vejamos o que vieram aqui fazer os técnicos japoneses. Chamam-se eles Tatsumi Koga e T. Kaminishi, funcionários da Nippin Suisan Kaisha Ltd., de Tóquio, uma das maiores empresas de pesca ni-

pónicas. Ouvidos pelo nosso camarada Manuel Touron declararam que a empresa a que pertencem possui sessenta barcos de pesca costeira; vinte e três de pesca do alto; dois baleeiros; três barcos-fábricas para o salmão; outros três para o caranguejo e cinco especiais para o atum.

— Qual a razão da vossa visita? — Viemos directamente de Tóquio a Vigo para estudar tudo o que se relaciona com a pesca e a sua industrialização pois soubemos no nosso país que Vigo tem a indústria e a frota mais importante de Espanha e uma das de maior categoria da Europa.

— O que lhes interessa especialmente? — O sistema de pesca por meio

Conclui na 6ª página

DEVE TER SIDO BASTANTE RENDOSO o Cortejo de Oferendas de Silves

EM Silves, com a presença das autoridades distritais e concelhias, realizou-se o Cortejo de Oferendas a favor do Hospital da Misericórdia, o qual decorreu muito animado. Em nome da comissão promotora, o sr. dr. Mário Ramires, agradeceu ao chefe do distrito as facilidades concedidas para a propaganda daquela parada de generosidade, agradecendo também a todos que contribuíram para o hospital, cujas novas instalações serão inauguradas na próxima Primavera. No cortejo tomaram parte dezenas de veículos carregados com os mais diversos géneros — cortiça, alfarroba, instrumentos cirúrgicos, azeite, aves, peixe seco, batatas, vinho, etc., vendendo-se também um camião com 8.000 tijolos da Cerâmica de Algoz e muitas peças de roupa feitas pelas alunas das escolas in-

dustrial e comercial e primárias da cidade. Entre os donativos em dinheiro figurava um de mil escudos

Conclui na 6ª página

A captura da sardinha pequena verdadeiro atentado à sobrevivência do pescador e à economia do País exige que sejam tomadas medidas enérgicas pelas autoridades

ARMAÇÃO DE PÊRA — Quando o «Jornal do Algarve» inseriu o seu fundo intitulado «O pescador

não pode ser um criminoso» em que chamava a atenção das autoridades para certa pesca criminosa exercida na costa algarvia por alguns marítimos, esperávamos que as entidades competentes adoptassem medidas de vigilância tendentes a acautelar uma das nossas maiores riquezas que dá que fazer a milhares de braços, exige «artes» e barcos no valor de milhares de contos, alimenta as fábricas de conservas e entretém activo negócio proveniente da expedição de peixe fresco e salgado para consumo público. Todas estas actividades tendem a ressentir-se num futuro próximo porque o crime de matar sardinha pequena continua a praticar-se. Apanham-se por toda a costa algarvia barcos e barcos de sardinha miúda que apenas serve para estrume e que rende uns escassos escudos quando, no seu tamanho normal, se obteriam na sua venda centenas de contos. Além disso arruína-se uma

Conclui na 6ª página



Encostado a cabos, acessórios da sua arte, o pescador descansa da sua árdua faina

Conclui na 5ª página

FALTA DE ATUM NA COSTA ALGARVIA

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES



Descarga do atum no porto de Vila Real de Santo António

O ATUM não faltou, nem falta, na costa do Algarve. Nas épocas adequadas esse peixe frequente sempre o litoral algarvio e jamais nele faltará.

É que o atum vem aqui por força de uma lei natural.

A tal respeito é, por isso, de perfeita pontualidade e, neste particular não tenhamos a menor dúvida.

E se esse esbelto filho do mar escasseia, de facto, nas armações fixas para a sua captura — o que é bem outra coisa — a razão do facto deverá filiar-se no seguinte: aparelhos de pesca imperfeitos e lançados sob orientação não adequada; efeito nocivo provocado por luzes intensas e respeitantes ao aparelho usado pelas «artes» de sacada; ruídos e vibrações produzidos pelas

embarcações de propulsão mecânica; obstáculos relativos ao aparelho de cercar para bordo das traineiras e «artes» similares; cortinas de lodo levantadas pelos aparelhos de arrastar pelo fundo, etc., quando tudo isto seja praticado na frente das armações e muito próximo delas, o que tenderá a afastar o atum para longe destas «artes» de pesca.

Dados efeitos meteorológicos e correntes provocam, também, e por vezes, a escassez do atum nas armações, além das águas sujas.

O problema, em si, afigura-se assim um tanto complexo, pelo que só um estudo atento e bem consciencioso poderia indicar a razão mais provável da falta de atum nas armações, para efeito da sua captura.

Técnicos estrangeiros

Reputamos absolutamente desnecessários os técnicos estrangeiros pois os nossos hábeis «mandadores» não são tecnicamente inferiores aos melhores profissionais estrangeiros.

E pelo que respeita a movimentação migratória do atum de «corrida», julgamos que a nossa teoria deverá superar todas quantas sobre o assunto possam existir, por melhores que à primeira vista possam parecer.

Basta-nos, cremos, a «prata da casa»... pois que a estranha não se nos afigura de mais valia.

José Salvador Mendes

O próximo artigo intitula-se: As armações de atum poderão e deverão viver indefinidamente.

Festas do Natal

Uma lembrança da Lorilleux

A firma Ch. Lorilleux, de que é director em Portugal o nosso prezado amigo sr. Amaral Leitão, promoveu, no sábado passado, nas suas instalações de Cabo Ruiivo, a festa do Natal dedicada aos filhos dos seus empregados e operários, aos quais foram distribuídas roupas e brinquedos. Amaral Leitão, que visita com frequência Vila Real de Santo António, não esqueceu os nossos pobres e enviou-nos 100\$00 para eles. Demos-lhe merecida aplicação — a quatro orfãos, em nome dos quais agradecemos a generosa lembrança da Casa Lorilleux.

Grupo Desportivo Sonap

FOI encantadora a festa organizada no Liceu Camões, em Lisboa, pelo Grupo Desportivo Sonap e dedicada aos filhos dos seus associados a quem foram distribuídos brinquedos e um lanche. Da direcção da Sociedade Nacional de Petróleos assistiram os srs. eng. Homem de Melo, director-geral; Manuel Teixeira de Queirós Pereira, administrador; dr. Augusto Ventura Mateus e eng. Artur André Mendes Magalhães, directores.

Filhos do pessoal da Sacor e da Cidla

NÃO foi menos brilhante a festa que se realizou no Pavilhão dos Desportos dedicada a 2.000 crianças, filhas de empregados e operários da Sacor e da Cidla, que receberam agasalhos, calçado e guloseimas. Assistiram os srs. prof. dr. Beza dos Santos, presidente do conselho de administração da Sacor, Brito e Cunha, director da Cidla e João Boto de Carvalho, director da Sacor.

Na Casa do Algarve em Lisboa foram distribuídos auxílios aos algarvios pobres

A EXEMPLO dos anos anteriores, continuou a nossa Casa Regional, na capital, a dispensar carinhosa assistência aos algarvios necessitados, ali residentes, não contando com aquela que, durante tolo o ano, dia a dia, lhes presta em dinheiro, alimentos, bilhetes de caminho de ferro para regresso às suas terras, etc.

Mercê da generosidade de muitos algarvios — e quantos mais o poderiam fazer — que, compreendendo o benemérito fim em vista, contribuíram com dinheiro, agasalhos, calçado, conservas, etc., foi possível contemplar este ano mais de 600 pessoas (crianças, inválidos, velhinhos, viúvas, etc.), os quais bem sentiram, no carinhoso auxílio dispensado que, na Casa do Algarve, estava um bocadinho da sua terra natal.

Para um tão consolador êxito, há que salientar a incansável actividade do grupo de senhoras protectoras assistentes, composto pelas srs. D. Raquel Maria da Graça Mira, presidente, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Emília do Nascimento Mealha, D. Esther de Araújo Neves Francç, D. Guilhermina Nunes, D. Ilda Cansado, D. Isabel Seita Monteiro, D. Isabel de Sousa Carvalho, D. Julieta Carrasco, D. Maria das Dores Villas Pacheco, D.

Conclui na 6ª página

A saúde é a maior riqueza

A cera do ouvido

A cera do ouvido, ou cerume, tem por fim reter impurezas que possam penetrar no ouvido. Quando, entretanto, se acumula em maior quantidade, pode perturbar a audição. Por isso, deve ser retirada de tempos a tempos, por meio de lavagem cuidadosa que, aliás, só deve ser feita por médico especialista.

Sempre que estiver a ouvir mal, procure um especialista para verificar se isso é causado por acumulação de cera no ouvido.



por CASIMIRO DE BRITO

Época festiva

O período festivo, que vai do Natal aos começos do novo ano, atingiu uma preponderância que o universalizou. O motivo religioso, comemoração do aniversário do nascimento de Cristo, foi excedido nalguns casos e lugares. Assim, o Natal não é somente uma festa para católicos — é uma Festa Universal, que tem por fundo o desejo de concórdia e de paz que está na raiz humana. Para isso contribuiu, em minha opinião, a casualidade de o Natal e o limite entre dois anos serem, precisamente, duas datas vizinhas...

Toda a gente sabe que o dia 31 de Dezembro e o dia 1 de Janeiro não têm entre si nenhuma barreira que os diferencie. No entanto, os homens, sempre esperanças num futuro melhor, criaram essa barreira. Ano Novo: Vida Nova... é a legenda, legenda universalizada mas depressa esquecida. Os dias são iguais, têm todos 24 horas e 1440 minutos mas é com vista nos dias que iniciam o próximo ano que se fazem planos e mais planos.

Dir-se-ia que a época festiva do Natal é uma plataforma onde os homens se preparam para uma nova etapa de vida! Dir-se-ia que os desejos de inventariar e orçar os planos são mais fecundos na transição que corta dois anos, por uma série de badaladas que, não sendo novas, nos parecem novíssimas — separando dois dias que, sendo absolutamente iguais no que têm de geral, são tão diferentes na carne que os homens lhe dão!

Quem é que não se sente esperançado no último dia de um ano? E quem é que não se sente rejuvenescido no primeiro dia de cada ano?

Mas, superior aos sentimentos interiores que a transição de um ano para o outro planta no coração dos homens, há aquele sentimento exterior, fecundíssimo, provando que se alguma coisa é absolutamente natural na besta humana — é o amor, essa força imensa que lhe olvida a bestialidade...

Dai os sorrisos que as pessoas trocam entre si, prodigamente, pelo Natal; dai, os esforços que os chefes de família vencem para que, ao menos nesse dia, nas suas casas, se vença a sombra da pobreza; dai, a simbólica troca de cartões e felicitações que tanto trabalhinho dão aos funcionários dos C. T. T.; dai, ainda, o movimento formidável que as lojas de todo o mundo (???) ostentam nestes dias festivos! Não há dúvida, o Natal, com os dias que o precedem e lhe sucedem, é como que um lago imenso e cristalino onde os homens lavam o corpo e a alma, esgotados pelo pó duríssimo dos caminhos percorridos, um lago imenso e cristalino, para lá do qual, se mostra, aberta e convidativa, uma nova estrada que falta percorrer, mais ou menos dura, mas sempre, no seu início, convidativa...

Encaremos, pois, esperançados, as estradas do futuro, os dias imprevisíveis que agora começam, que começaram há milênios, que foram ontem, que são hoje, mas que só amanhã começarão para nós — porque é do ardor, da expectativa, da ESPERANÇA, que colocamos no nosso AMANHÃ que a vida se tornará mais bela, mais útil, mais VIDA...

Poemas da Solidão Imperfeita

Acaba de ser publicado o livro de poesias «Poemas da Solidão Imperfeita», do nosso colaborador Casimiro de Brito. Este volume de poemas é composto pelos seguintes livros: «A Biografia Negra», «O Aço das Lágrimas» e «Abraço na Ilha Verde».

Esta obra é distribuída pelo seu autor, pelo que os interessados poderão fazer os seus pedidos para C. B., Rua Bocage, 140 — Faro, visto que o livro só será distribuído por algumas livrarias.

Os C. T. T. no Algarve

Foi nomeada, a título provisório, operador do quadro de reserva e colocada no núcleo de reserva com sede em Faro, a sr.^a D. Maria Adelaide Sobral Arcaño.

Foi transferido, por conveniência de serviço, para a estação de Portimão, o terceiro-oficial da estação de S. Brás de Alportel, sr. Américo José Soares Eusébio.

Também o guarda-fios sr. Fernando Gomes, foi transferido de Souto (Viseu) para Faro.

Funcionalismo público

Estão abertos concursos para provimento do lugar de engenheiro dos quadros do pessoal maior dos serviços especiais das Câmaras Municipais de Loulé e de Portimão.

Foi contratado interinamente para o lugar de copista do cartório notarial de Olhão o sr. José Felisberto Ramos.

Foi concedida a aposentação ao aspirante da Câmara Municipal de Monchique, sr. Brás da Silva.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Boas Festas

Esteve na nossa redacção, apresentando cumprimentos de Boas Festas, o nosso querido amigo e colaborador sr. Álvaro Magno Guerreiro.

Eng.^s Sebastião Ramirez

Acompanhado de sua esposa, encontra-se na «Quinta de Cima», em Cacela, o deputado sr. eng. Sebastião Ramirez.

Joaquim Rebocho

Vindo de Faro, onde passou as festas do Natal com seu irmão, arquitecto sr. Manuel Gomes da Costa, esteve em Vila Real de Santo António, com pouca demora, o nosso conterrâneo e pintor de arte sr. Joaquim Rebocho.

Partidas e Chegadas

De visita a seus pais, vinda de Uíge (Congo Português), e acompanhada de seu esposo, sr. Armando de Vasconcelos, chegou há dias a Lisboa a sr.^a D. Maria Júlia Valadas de Vasconcelos, filha do sr. António Maria Valadas, nosso conterrâneo e assinante na capital.

Seguiu de Alcantarilha para Lisboa, onde permanecerá alguns meses, o nosso assinante sr. José Cândido da Costa Aguiar.

Está em Vila Real de Santo António, passando as férias, o sr. Damião Carrilho Medeiros, nosso assinante no Porto.

A fim de se reunir a sua família, que se encontra na Amadora, seguiu há dias para aquela localidade a sr.^a D. Afonsina Casimiro Lima, filha do nosso assinante sr. José de Lima.

Com curta demora, esteve em Lisboa o nosso assinante sr. Renato da Costa Rodrigues.

Esteve alguns dias nesta vila o nosso amigo sr. dr. Fernando Leonel Viegas Alvares.

Encontra-se em Vila Real de Santo António a sr.^a D. Norma Pires, assistente social e nossa assinante em Castelo de Paiva.

Vindo do Ultramar, encontra-se nesta vila, passando as festas com sua família, o nosso assinante sr. José Saraiva Rosa.

De visita a seus pais, esteve alguns dias nesta vila o sr. Eurico Duarte Baltasar, nosso assinante em Lisboa.

Regressou de Matosinhos, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso assinante sr. António Gomes Horta.

Esteve alguns dias em Lisboa, tendo já regressado à sua casa de El Almendro (Espanha), acompanhado de sua esposa, o sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches.

Regressou da sua digressão pelo Sul de Espanha, acompanhado de sua esposa sr.^a dr.^a Maria das Dores Medeiros Neto, o nosso assinante sr. dr. Ivo Nobre Madeira Neto.

Acompanhado de suas esposa e irmã, passou o Natal nesta vila o sr. João Francisco Ramos, escrivão de Direito e nosso assinante nas Mercês (Sintra).

Acompanhado de sua esposa e de sua filha Isabel, esteve em Lisboa, de onde regressou com suas filhas sr.^a D. Maria de Fátima e D. Maria Margarida Rodrigues Prazeres, estudantes universitárias, que vêm passar as férias nesta vila, o sr. dr. Reinaldo Raul Prazeres.

Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Lisboa o nosso assinante sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia.

Estiveram em Loulé, passando as festas do Natal, os srs. António Peres Correia e João António Pereira de Campos, acompanhados de suas esposas.

Acompanhado de sua esposa e filhas, seguiu para Villanueva de los Castillejos (Espanha), a fim de passar uns dias na sua propriedade «Piedras Albas», o nosso assinante sr. João Cumbreira Ramirez.

Em casa de sua neta sr.^a D. Maria Manuel Rosa Rodrigues, em Rossio de Abrantes, e acompanhada de seu filho, o sr. dr. Sezinando Oliveira Rosa, está passando as festas a sr.^a D. Antónia Viegas Rosa.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Rita Guerreiro Rita Rios, o sr. dr. Carlos Pereira Rios, nosso assinante em Aveiro.

Regressaram de Matosinhos os nossos assinantes srs. João Salas e Sebastião Guerreiro.

Partiu para Lisboa, a fim de passar as festas com sua família, o nosso assinante sr. João da Silva Nascimento.

Seguiu para o Porto, a férias, o agente-técnico sr. António José Saraiva.

Esteve alguns dias no Barreiro o nosso assinante sr. António Pinheiro Júnior.

Em gozo de férias, encontra-se no Monte da Caparica, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. António Ferreira da Silva Júnior.

Já regressou do Norte, onde foi passar as férias do Natal, o nosso assinante sr. eng. Nicolau do Amaral.

Esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. José Sebastião Teixeira, nosso assinante em Faro.

Está em Beja, com sua esposa, passando as festas, o nosso assinante sr. António da Cruz Martins.

Acompanhada de seu esposo, encontra-se nesta vila a nossa conterrânea sr.^a D. Custódia Nunes Glória Gomes, nossa assinante na capital.

Vimos em Vila Real de Santo António, com suas famílias, os nossos assinantes srs. eng. José de Brito Folque, dr. Humberto Sérgio de Brito Avó, Zeferino Pedreira e José Quintino Romão.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa e filhas, de visita a sua mãe, sr.^a D. Maria Lopes Bonança, que tem estado doente, o sr. dr. Jorge Lopes Bonança, nosso assinante em Lisboa.

Esteve nesta vila o sr. Fernando Guerreiro Mendonça, nosso assinante em Faro.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Vila Real de Santo António o sr. eng. Joaquim José Capa Horta Correia, nosso assinante em Lisboa.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção o sr. António Rios Salas, nosso assinante em Quartelara, que se encontra em férias nesta vila.

Com pouca demora, esteve em Lisboa o sr. Victor Severo Martins, nosso assinante em Castro Marim.

Estão passando as férias do Natal em Castro Marim, com suas famílias, os srs. dr. Joaquim Vas Palma, de Monchique, Custódio Anastácio, de Faro e João Alves Botelho, do Barreiro.

Seguiu para Faro, onde foi passar as festas do Natal e Ano Novo, a sr.^a D. Maria José da Conceição, residente em Castro Marim.

Esteve alguns dias em Castro Marim o sr. Carlos Més Gonçalves, residente em Lisboa.

Encontram-se nesta vila, em gozo de férias, as srs.^{as} D. Maria Inês Viegas Alvares, D. Maria Rosa Rodrigues, D. Maria José Lourenço, D. Maria del Carmen D. Ramirez, D. Maria João Merilha Domingues, D. Maria José Segura Solá da Cruz, D. Maria Isabel D. Mateus da Silva, D. Maria Luisa D. Santos Silva, D. Maria Fernanda Abecassis Correia, D. Maria Tânia Oeiras Correia e D. Maria de Fátima Leiria de Brito, as meninas Maria de Lourdes Socorro Folque, Maria da Encarnação Capa H. Correia e Maria Margarida Coquenão Folque, os srs. eng. Eduardo Domingos Mateus da Silva, Fernando Abecassis Vargas Marques, Rui Correia Pacheco, Raul Domingos Mateus da Silva, Sebastião D. Santos Silva, José e Eduardo Limón Cavaco, Raul Miguel Socorro Folque, António João C. Ruivinho, Manuel José Carraça Cipriano, José Norberto Pereira Domingues, José Manuel Pires Gravanita, Alvaro Campero Munhos, Luis Gavino Ribeiro Alves, João Manuel Gomes Horta, José Eduardo Capa H. Correia, Victor Teixeira Marques, Desidério Rodrigues Rosa, Jacinto Gomes e Manuel Severino dos Santos Rodrigues e os meninos João Alexandrino Coquenão Folque, João José Socorro Folque, José Manuel Socorro Domingues, António Rodrigues Rosa, Miguel Raul Folque Socorro, Francisco Tenório Diogo, Fabricio Sanches Barbosa e José Manuel Bento da Silva.

Vimos nesta vila o nosso assinante em Lisboa sr. José Mauricio Horta.

Acompanhado de sua esposa, foi passar o Natal a Lisboa, tendo já regressado a sua casa, no Gião (Moncarapacho), o nosso assinante sr. Manuel Pedro Cabrita.

Gente nova

Num quarto da maternidade Alfredo Costa, deu à luz uma criança de sexo feminino, a sr.^a D. Isabel Paço Anselmo Galhardo, esposa do sr. capitão Valentim Galhardo. Mãe e filha encontram-se bem.

Casamentos

Na paróquia de Vila Real de Santo António, realizou-se no dia 23 o casamento da sr.^a D. Maria Ofélia de Jesus Silva, filha da sr.^a D. Teresa de Jesus da Silva e do sr. Francisco da Silva, com o sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, filho da sr.^a D. Ana Correia Ribeiro Alves e do sr. Manuel Francisco Ribeiro Alves. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Luis Gavino Correia Ribeiro Alves, irmão do noivo, e a sr.^a D. Maria Rosa Lopes Rodrigues, e por parte do noivo, seu sogro, sr. Francisco da Silva e a sr.^a D. Maria Gabriela Correia, sua prima.

Ao novo casal, que seguiu em viagem de núpcias para o Norte do País, deseja o Jornal do Algarve as maiores felicidades.

Doentes

Após ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica, que decorreu com felicidade, regressou de Lisboa o nosso assinante sr. António Soares, a quem desejamos um completo e rápido restabelecimento.

ECONOMIA

Preços do atum, sardinha e biqueirão

VEJAMOS a evolução do preço nas lotas, por quilo de atum, desde 1938 até ao ano findo: 1938, 2\$65; 1939, 2\$17; 1940, 3\$90; 1941, 9\$18; 1942, 21\$04; 1943, 14\$55; 1944, 13\$55; 1945, 10\$35; 1946, 9\$15; 1947, 4\$34; 1948, 10\$49; 1949, 10\$18; 1950, 8\$09; 1951, 10\$47; 1952, 8\$69; 1953, 7\$89; 1954, 6\$82; 1955, 7\$61 e 1956, 7\$82.

Vejam os preços da sardinha, também por quilo: 1938, \$56; 1939, \$79; 1940, 1\$40; 1941, 3\$72; 1942, 3\$62; 1943, 2\$34; 1944, 2\$02; 1945, 2\$60; 1946, 2\$91; 1947, 2\$51; 1948, 3\$25; 1949, 3\$44; 1950, 3\$49; 1951, 3\$12; 1952, 3\$13; 1953, 2\$28; 1954, 2\$54; 1955, 3\$53 e 1956, 3\$30.

E, por último, vejamos o que se passou com o biqueirão: 1938, \$48; 1939, \$82; 1940, 1\$02; 1941, 3\$48; 1942, 2\$66; 1943, 3\$59; 1944, 2\$81; 1945, 3\$90; 1946, 1\$06; 1947, 3\$45; 1948, 4\$92; 1949, 2\$44; 1950, 3\$89; 1951, 4\$94; 1952, 3\$62; 1953, 3\$74; 1954, 4\$78; 1955, 4\$70 e 1956, 5\$96.

Pesca em Matosinhos

Na primeira quinzena deste mês foram vendidos na lota de Matosinhos 187.867 cabazes, no valor de 14.377.103\$00. Das 145 traineiras que andaram na faina da pesca da sardinha as que melhores capturas efectuaram foram as seguintes: «Galriva», 3.451 cabazes; «Senhor dos Milagres», 3.397; «Eduardo Nunes», 2.922; «Fleming», 2.915; «Natalia», 2.908 e «Melinde», 2.870.

Cooperativas vinícolas de Huelva

Na vizinha província de Huelva, onde se produzem deliciosos vinhos, entre eles o de Palma del Condado, há dez adegas cooperativas com um total de 1.461 sócios fundadores e uma capacidade de 142.600 hectolitros. O orçamento destas adegas ascende a 41.986.263 pesetas. A maior delas é a de Rociana que conta 270 sócios e tem capacidade para 35.000 hectolitros.

Animatógrafo

Boas-festas!

Mais um Natal foi vivido, outro ano está percorrido... Boas-festas! Parecendo coisa banal, estas palavras, modestas, valem bastante, afinal!...

Mensageiras de alegria, de concórdia, de harmonia, cruzam mares, atravessam continentes, correm levas pelos ares, falam do bem-querer das gentes!

Pobres, ricos, maus e bons dizem-nas, em vários tons: com esperança, com troça, ou sinceridade, como fatigada usança, mas dizem-nas, na verdade!...

Boas-festas! Festas boas! Família, farturas, loas, «nascê-ninho», garotos esfarrapados, cantigas, orquestras, vinho: — os grupos de embriagados...

Antes de o ano findar, de o sete a oito passar, Boas-festas (— tradição aliciante!) alegres, simples, honestas vos deseja o OPERANTE

Cine-Foz

DOMINGO, o sensacional filme O rapaz e o touro, com Michel Ray e Fernin Rivera. (Para 6 anos).

SEGUNDA-FEIRA, para cumprimento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, O João Ratão, com Oscar de Lemos. (Para 12 anos).

QUARTA-FEIRA (Dia de Ano Novo), Diaburas de Jane, com Doris Day. (Para 12 anos).

SEXTA-FEIRA, Frou-Frou, sr. Manuel Pedro Cabrita. (Para 17 anos).

À CONSTRUÇÃO CIVIL

CHAPAS DE

AGLOMERADO DE CORTIÇA

PARA ISOLAMENTO

DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR IDEIAS PARA VARANDAS E TERRAÇOS

CANELAS & FIGUEIREDO, L. DA

Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

FÁBRICAS EM LAGOS

LOTAS DO ALGARVE

Vila Real de Santo António de 19 a 25 de Dezembro

Table with columns for Traineiras (Flor do Guadiana, Brisa, Vulcão, etc.) and their respective prices.

Olhão de 19 a 25 de Dezembro

Table with columns for Traineiras (Estrela do Sul, Restauração, Luís Fernando, etc.) and their respective prices.

Armação de Pera de 19 a 25 de Dezembro

Portimão de 19 a 24 de Dezembro

Traineiras (Dorita, Farilha, Praia do Vau, etc.) and their respective prices.

Table with columns for Traineiras (Dorita, Farilha, Praia do Vau, etc.) and their respective prices.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 20 a 26 de Dezembro

ENTRADAS: Inglês «Lucian», de 1.516 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Italiano «Schedir», de 498 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio.

SAÍDOS: «Mira Terra» e «Maria Christina», para Lisboa, com minério; «Lucian», para Liverpool, com alfarroba; «Schedir», para Livorno e Génova, com conservas; «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Maria Christina», para Lisboa, com enxofre.

CORTIÇA

Vendemos cerca de 2000 arrobas de BOA e REGULAR QUALIDADE colhida na serra de Serpa. Dirigir ao proprietário em Torre dos Frades — Cacela.

PRATICANTE DE FARMÁCIA

Precisa-se com a idade mínima de 16 anos FARMÁCIA CARMO Vila Real de Santo António

Advertisement for Canelas & Figueiredo, L. DA, featuring a logo with 'CAFI' and text about construction materials and contact information.

ACTUALIDADES

DESPORTIVAS



O NOSSO PLANO É VASTO

TODOS sabem que a Comissão «Pró-Campo» do Lusitano Futebol Clube já apresenta realidades. A prová-lo, ergue-se, em vias de acabamento, no Parque de Jogos «Francisco Gomes Socorro», uma sóbria e atraente vedação, que circunda o recinto de futebol. Feita em ferro galvanizado, atravessa pilares de 70 cm. de altura e no seu conjunto, de uma só carreira, substituiu, com grande vantagem, a remendada e inestética vedação de madeira que lá existia.



António Samúdio fala para o «Jornal do Algarve»

Desejando elucidar os nossos leitores, com minudência, da primeira remodelação levada a cabo pela dinâmica Comissão e ainda das obras projectadas, procurámos avistar-nos com um dos membros daquela. Não foi difícil. Um curto passeio ao Parque de Jogos, em tarde soalheira — que não chegava para proteger do frio intenso, que ultimamente tem

E PODEMOS CONSIDERÁ-LO AUDACIOSO

confessou-nos António Samúdio acerca da actividade da Comissão «Pró-Campo» do Lusitano F. C. sido o companheiro de todo o momento — e lá se encontrava o sr. António Samúdio, «lusitanista» de alma e coração, que, não sendo, embora, membro efectivo da actual direcção, vive, como nenhum, os bons e maus momentos do clube pombalino.

António Samúdio, ao conhecer a missão a que nos propunhamos, dispõe-se, incondicionalmente, a satisfazer-nos a curiosidade.

A começar, perguntámos: — Como e porque apareceu a ideia da organização da Comissão «Pró-Campo»?

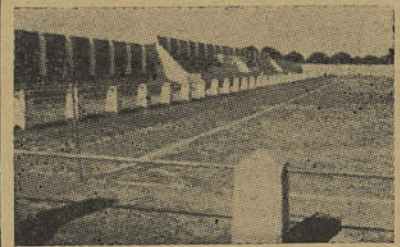
— A ideia surgiu por imposição natural da situação: O mau estado das instalações do Parque de Jogos e a notória impossibilidade do clube de, pelos seus próprios recursos, poder acudir ao desgaste que o uso e o tempo vão operando. Era evidente que o Parque, de época para época, ia apresentando um pior aspecto. Impunha-se, por isso, a criação de um grupo que trabalhasse no sentido exclusivo de evitar a progressiva desvalorização, proporcionando também a realização de vários melhoramentos. Reconhecida a necessidade, o resto veio por si. Um grupo de amigos do clube votou-se a essa missão.

— Como primeira obra, creia que foram felizes. De simples que se apresenta a vedação, o seu aspecto geral é agradável. E esta entrada

de água para o tubo, que utilidade tem?

— A de acautelar possíveis despesas para o futuro... — Mas, que sonhos acalenta a Comissão? — Arriscámos... — Bem! O nosso plano é vasto. Podemos mesmo considerá-lo audacioso, em relação às fracas possibilidades do meio. É nossa intenção estender a obra a todos os sectores que fazem parte do Parque de Jogos. Assim, se formos compreendidos nos propósitos e secundados nas diligências, quero dizer, se os

sócios e os «lusitanistas» quiserem colaborar connosco, auxiliando estas iniciativas, procuraremos dar ao Lusitano instalações condignas e proporcionar a Vila Real de Santo António uma «sala de visitas desportiva» decente, capaz de bem receber os atletas e entusiastas que nos visitam.



Vista parcial do campo de futebol do Parque de Jogos «Francisco Gomes Socorro», já com a nova vedação

— Diga-nos, então, quais as próximas obras que pensam realizar e... qual o fim da vedação, como canalização de água?

— Depois de terminada a vedação, procuraremos concretizar o seguinte plano: cobertura da bancada central, arranjo das bancadas laterais, instalações sanitárias e balneários, arranjo do «peão», arrelvamento do rectângulo de futebol e vários outros pormenores. A vedação canalizará a água à rega do relvado.

— Mas esse plano é deveras grandioso e de difícil realização...

— Evidentemente. Mas difícil não quer dizer impossível. Tudo depende da colaboração que nos quiserem prestar. E os vilarrealenses verificarão que as receitas da Comissão têm a aplicação adequada...

— Subentende-se, por essa afirmação, que as receitas não terão outro fim que não seja a materialização dos vossos objectivos. Será assim?

— Assim o queremos. A Comissão tem essa norma inflexível. Como é absolutamente autónoma na administração dos valores que lhe são

Conclui na 5.ª página

CONCESSIONÁRIO

Deseja-se nomear neste distrito para artigos de:

PESCA - CAÇA SUBMARINA - DE DESPORTO EM GERAL BRINQUEDOS E JOGOS DE SALA

Enviamos condições só para comerciantes estabelecidos ou que pretendem abrir estabelecimento para este ramo

PEDIDOS A **SPRIL-SPORTS**
Rua do Carmo, 21
LISBOA

IMPORTANTE: Damos preferência a comerciantes que estejam dentro do meio desportivo.

BASQUETEBOL



Campeonato Distrital

3.ª jornada:

Ginásio C. Olhanense, 30
Sporting Club Olhanense, 37
(ao intervalo 15-13)

G. C. O.: Alves (5), M. Fernandes (7), Pinto (16), Lázaro (2), Gonçalves-Graça-Bruno (2).

S. C. O.: Brito (4), Pité (15), Flávio (15), Cipriano-Martins (5), Costa. Arbitro: Mário José Marcelino (SLF). Marcador: José V. Rosa Gouveia (CDO). Cronometrista: Eduardo Pires (CDO).

C. D. «Os Olhanenses», 61
Sporting C. Farense, 37
(ao intervalo 27-14)

C. D. O.: Guedes (12), Luís do Ó (22), A. Madeira (2), Serro (12), Hernâni (2), Leal Branco (7), Relvas (4), Ramos.

S. C. F.: Gago (2), Caronho (6), Afonso-Estevinha-Belchior-Vinhas (11), Madeira-Nunes (6), Bastardinho (10), Mónica (2).

Arbitro: Gilberto Martins Ferreira (CFB). Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos (GCO). Cronometrista: José Franco (GCO).

C. F. «Os Bonjoanenses», 63
Sport Lisboa e Faro, 52
(ao intervalo 24-25)

C. F. B.: Brito (11), Alcindo-Ferreira (28), Jesuíno (12), Adelino (12), Bernardino, Cunha.

S. L. F.: Jorge (26), Fontainhas-Xavier-Cavaco (16), Alexandre (4), Pinto (6), Carvalhal.

Arbitro: Joaquim José O'Brien de Oliveira. Marcador: António José O'Brien de Oliveira. Cronometrista: Paulo de Brito Júnior.

Jogos para amanhã

S. C. Olhanense-C. F. «Os Bonjoanenses» (C. A. Gouveia, Olhão). S. C. Farense-Ginásio C. O. (C. S. Luís, Faro). S. L. Faro-Lusitano F. C. (Alameda, Faro).

GOMES DA COSTA no Lusitano F. C.

Cedido, até final da época, pelo Sporting de Braga, Gomes da Costa ingressou nos quadros do Lusitano F. C.

Numa altura em que o Lusitano tanto precisa de atletas que satisfaçam a contento no espinhoso lugar de guarda-redes, não há dúvida que o jovem Gomes da Costa, de valor já comprovado na equipa northenha, vem preencher uma lacuna.

BARDAHL

Campeonato Nacional da II Divisão

FUTEBOL

Três «destinos» a quatro golos... Com Olhanense e Portimonense em «egoístas» e o «leader» em fraternidade...

Olhanense, 4 — Montemor, 0
Quatro golos difíceis, arrancados a «ferros», foram quase todo o balanço da partida do Estádio Padiúna, em que Olhanenses e Montemorenses deixaram mal expressa a sua valia como conjuntos de futebol. Os «rubro-negros» constituíram uma equipa autoritária, habilidosa, cujo futebol, fácil, apenas teve senão no aspecto da finalidade, sempre topando em «floresta» defensiva.

O Montemor lutou com elasticidade e espírito de sacrifício, acorrendo a todas as latitudes do terreno, em contra-ataques e super-defesas, mas acabou por ceder naturalmente, ficando-lhe apenas a honra de ter corrido muito e não

deixar jogar nada nos 16,50 x 40,52 da sua zona.

Enfim, o Olhanense viu-se, no domingo, livre do quadrilátero dos «empates», que procuram no empate as suas mais retumbantes vitórias.

Nomes de Reina, Sílvio, Vinício, Costa e Poeira, como os dos mais esforçados e inteligentes.

Almada, 2 — Farense, 2

Mais um «empate» — o único que empatou e conseguiu o seu desígnio — impôs ao «leader» não o volume do jogo mas um número de golos suficiente para cortar o fio da hora e meia com o Farense.

Não vimos o jogo, mas não nos

Conclui na 2.ª página

- VELA -

As Regatas do XX Aniversário do C. D. «Os Olhanenses»



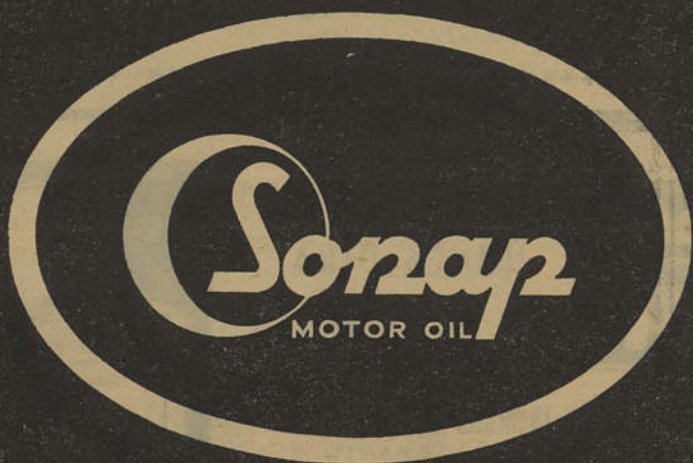
Da Secção de Vela do Clube Desportivo «Os Olhanenses», recebemos uma carta, a-proósito do artigo do nosso prezado colaborador sr. Fernando do Valformoso intitulado «As Regatas do XX Aniversário do C. D. O.», da qual inserimos os principais trechos, por se darem explicações que reputamos de interesse para os nossos leitores:

«... A Secção de Vela do Clube Desportivo «Os Olhanenses», está devidamente inscrita na Associação Portuguesa da Classe Internacional «Moth», única entidade representante da classe «Moth» em Portugal, e, como tal, reconhecida pela Federação Portuguesa de Vela. Não é, portanto, uma «pseudo-secção de vela» como se lhe pretendeu chamar, tanto mais que, ainda em Agosto passado, concorreu com duas embarcações da classe «Moth» ao Campeonato de Portugal, que se realizou na baía do Funchal, facto do conhecimento público, pois a

imprensa do País a ele se referiu.

O facto do Clube de Vela de Lagos, ter enviado, na mesma camioneta em que foram transportados os barcos de Olhão, outras embarcações, não é da nossa responsabilidade, pois, pela nossa carta de 11 de Outubro deste ano, dirigida àquele Clube, só pedimos para que nos enviassem os nossos barcos. Não temos responsabilidade nos actos alheios. Mesmo assim, quando recebemos tais barcos, imediatamente comunicámos aos interessados (proprietários) que os mesmos se encontravam em Olhão e sem abrigo, tal qual como estavam em Lagos.

As regatas em questão, foram elaboradas nos termos das regras da Federação Portuguesa de Vela, não sendo, portanto, este o motivo da não inscrição dos clubes velleiros de fora de Olhão, como se pretendia insinuar».



MELHOR LUBRIFICAÇÃO
MAIOR CONSERVAÇÃO

CAPITALISTAS!!!

Desejam empregar o v/ capital absolutamente seguro? Consultem «A CONFIDENTE», que imediatamente lhes indicará a maneira mais prática e segura da s/ colocação, pois nos seus «dossiers» possui vários prédios para venda, tanto em Lisboa como nos arredores, a darem alguns deles o rendimento de 8%, «A CONFIDENTE» encarrega-se gratuitamente de aluguéis e completa administração das propriedades adquiridas somente por seu intermédio. O seu QUARTO DE SÉCULO de existência é a melhor prova da sua competência, nas dezenas de transacções que realiza por mês.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA

Rossio, 3-2.º
(Ang. da R. Augusta)
Telefs. 21391-30257-367765-367767

PORTO

R. Passos Manuel, 14-1.º
(Ang. da R. Sá da Bandeira)
Telefs. 28721-27011-31309-31729

Sociedade de Conservas Aliança, Limitada

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 5 de Março de 1927, lavrada nas notas do notário que foi do concelho de Vila Real de Santo António, José Higino Júnior, cujo arquivo se encontra no Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, Rafael Gutierrez Nieves, que também assina Rafael Gutierrez, cedeu, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, à firma Sanches, Lima & C.ª Lda., sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António, a cota de 15.000\$00, que tinha no capital social da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, Sociedade de Conservas Aliança, Limitada.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1957.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

Sociedade de Conservas Aliança, Limitada

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 7 de Março de 1927, lavrada nas notas do notário que foi do concelho de Vila Real de Santo António, José Higino Júnior, cujo arquivo se encontra no Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, Teresa Travassos do Carmo Oeiras, cedeu, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, a Santiago Ponce Medeiros, casado, proprietário, residente em Vila Real de Santo António, a cota de 15.000\$00, que o seu falecido marido, José do Carmo Oeiras, tinha no capital social da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, Sociedade de Conservas Aliança, Limitada.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1957.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

Sociedade de Conservas Aliança, Limitada

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 7 de Março de 1927, lavrada nas notas do notário que foi do concelho de Vila Real de Santo António, José Higino Júnior, cujo arquivo se encontra no Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, João António Carrilho, cedeu, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, em comum e na proporção de metade para cada um, a Carlos Celérico Medeiros, casado, e Jorge Ponce Medeiros, solteiro, maior, ambos proprietários, e residentes em Vila Real de Santo António, a cota de 15.000\$00, que tinha no capital social da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, Sociedade de Conservas Aliança, Limitada.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1957.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

Sociedade de Conservas Aliança, Limitada

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 4 de Dezembro de 1956, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, Santiago Ponce Medeiros, cedeu, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, a Emídio Júlio Passos de Lima, solteiro, maior, industrial, residente em Lisboa, na Travessa dos Remolares, n.º 10, 2.º, Direito, a sua cota de 15.000\$00, que tinha no capital social da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, Sociedade de Conservas Aliança, Limitada.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1957.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

Sociedade de Conservas Aliança, Limitada

Para os devidos e legais efeitos se publica que por escritura de 4 de Dezembro de 1956, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, Jorge Ponce Medeiros, e D. Maria da Conceição de Moura Lino Freire Celérico Medeiros e seus filhos, Carlos José de Lino Freire e Celérico Medeiros e Jorge Manuel de Moura Freire Celérico Medeiros, os três últimos como viúva e únicos filhos de Carlos Celérico Medeiros, cederam, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, a António Emídio Passos de Lima, casado, industrial, residente em Mértola, a cota de 15.000\$00, que os citados Jorge Ponce Medeiros

O NATAL DE ROSA MARIA

DELA estrada estreita, barrenta, que ligava a povoação ao pequeno areal, os dois caminhavam lentamente, de mãos dadas. Olhavam-se e sorriam com ternura.

Lá ao longe o sol desaparecia por detrás das casas brancas do Bairro, tingindo com os últimos raios sanguinolentos o pedaço de mar compreendido entre o areal e a ilha.

A estrela do dia brilhava já intensamente, parecendo derramar prata em incandescência.

O par fascinado, deteve-se por momentos a admirar o belo espectáculo que a Natureza lhes oferecia.

O seu perfil recortava-se nas águas cintilantes da pequenina baía, que um leve sopro de vento agitava.

Ele alto, magro, trajando como a maioria dos pescadores. Ela elegante, rosto oval, cabelos e olhos negros. Envergava uma simples blusa de malha e uma saia matizada, presa à estreita cintura. Sobre os ombros um casaquinho engraçado, de lá cardada.

— Linda, não é? — perguntou ele.

A jovem acenou com a cabeça.

— Deus queira que esteja assim um dia tão lindo, depois de amanhã!

— Há-de estar!...

Custava-lhes a acreditar que essa data tão ansiosamente esperada findasse dali a dois dias. Dois dias que seriam de intensos preparativos, mormente pela parte da noiva, já que o homem é mais sóbrio por ocasião destas cerimónias.

— Já contratei dois automóveis — disse o rapaz. Com o do Jorge três e o do teu padrinho quatro. Anhl!... Quatro automóveis! E o teu pai que se cale duma vez, com essa história do casamento a pé!...

Ela sorriu e fitou-o longamente.

Como o seu namorado era belo! Como sentia prazer em reter entre as mãos o seu rosto energético. Aquela face curtida pelos sois do Algarve e da Terra Nova, onde luziam dois olhos verdes, francos como a sua alma. Como amava aquela cara morena, tão morena como a pele dos ciganos que vagabundeavam à chuva e ao sol.

Como desejava beijar a sua boca, onde um leve sorriso permanente era um mudo convite à amizade sincera.

— Que? O António da Costa? É um excelente moço!...

Ninguém lhe conhecia inimigos. E não os tinha. A não ser o José Laranjo que em tempos também gostara dela.

Porém, isso acontecera já há tanto tempo!...

O José Laranjo, embora fosse um ótimo moço e talvez mais pescador que o António, não lograra angariar tantas simpatias como este último. De estatura baixa, pesado, tinha maneiras abrutalhadas, sem que no entanto deixasse de ser um bom companheiro quer no trabalho quer na folia.

Todavia, a pequena gostara mais do outro, do «Alturas». Nunca se sabe quais as ideias que germinam na cabeça duma mulher; e para mais, na cabeça da linda filha do Ti Manel dos Anjos, que era a rapariga mais engraçada da Fuseta.

O Ti Manel, quando o Laranjo lhe fora pedir a pequena em namoro, franzira as largas ventas de satisfação mal contida.

— Por mim «tá» bem. Eu logo falo com ela e «depois» dou-te a resposta!...

E esfregando as largas manámpulas calosas, entrara em casa cantarolando.

— Vamos ter para «janro» o melhor moço da Fuseta!

A mulher abanou a cabeça mas nada respondeu. Que grande decepção iria apanhar seu marido!

E apanhou-a.

Apanhou-a logo à noite, quando a família se encontrava reunida em volta da velha e carcomida mesa que já pertencera à avó Delmira.

O jantar foi servido no meio do maior silêncio. Durante momentos só se ouvia o ruído que o chefe da casa fazia a servir a sopa fumegante, e o tinar das colheres nos pratos de esmalte.

— Rosa!...

A rapariga ergueu os olhos para o pai.

— Sabes uma coisa? — e partia um bocadinho de pão entre os dedos enrugados — Falaram-me hoje a teu respeito!

— Sim.

— O José Laranjo... Rosa Maria mordeu os lábios, para não traír a comção que a invadia. No entanto foi com voz perfeitamente calma que inquiriu: — E então?

O velho estava longe de esperar tal per-



(Desenho de Baltazar)

gunta. Ficou perplexo, piscando os olhos. Essa agora!... A rapariga parece que é parva! Ainda me pergunta: e então? A não ser que me tivesse explicado mal!...

Optou por esta última ideia.

— Veio pedir-te em namoro.

Rosa Maria não se mostrou surpreendida ou fingiu. Contudo já não se sentia tão segura.

— Não gosto do José!

A mãe ergueu-se; prendeu melhor o lenço à cabeça e principiou a levantar a mesa.

Novamente um silêncio inquietante os envolvou.

Lá fora ouvia-se distintamente a vizinha Mariana chamando em altos berros pelo filho que andava na brincadeira.

Manuel dos Anjos assoou-se, limpou a boca gordurosa ao guardanapo de linho e pegou no cachimbo, começando a enchê-lo de tabaco.

— Não te compreendo rapariga!

Ela permaneceu muda.

— Olha que o Zé é um belo pescador. Sabes quantos quintais de bacalhau apanhou ele esta temporada? Anhl!... P'ra cima de trezentos. Quase tanto como eu apanhava nos meus tempos. Ainda ali tenho a medalha que o Senhor Carmona me pôs ao peito!...

Ela mosca sonolenta foi-lhe poisar na calva. Ele enxotou-a com um brado de indignação.

— Além disso também não é mau rapaz. Há por aí tantos que não lhe chegam aos calcanhais!... Ora se os há! «Amontes»... Aquele ao menos tem um barco, sem precisar do dinheiro da Casa dos Pescadores.

E prosseguiu exaltado, praguejando contra os que nada faziam e enaltecendo as virtudes do moço pescador.

A filha, porém, já não o escutava. De olhos perdidos no vácuo, com o pensamento distante, encontrava-se espiritualmente longe dali, longe daquela pequena cozinha caiada de branco com papéis coloridos pregados na espeteira da loiça.

Outra figura de homem, que não o José Laranjo, ocupava a sua mente nesse instante. Um homem alto, magro, de sorriso afável... Que lhe importava o Laranjo? Viera pedir-lhe em namoro? Que fosse bater a outra porta. A uma porta onde por exemplo houvesse uma rapariga que ficasse extasiada com os seus trezentos quintais de bacalhau. Apanhasse ele quinhentos, mil... e que tivesse muita saúde para apanhar mais! Para que o pai estar a esfalfar-se tanto, falando desse homem, se ela não o tolerava? Já bastas vezes a interpellar na rua, com palavras boçais e doces sorrisos que mais pareciam caretas, mas sempre ela o repelira de maneira categórica. De facto nunca esperara que ele a fosse pedir em namoro!

...portanto vê bem o que fazes, rapariga! Olha que melhor partido não arranjas.

Era a voz do pai. Sobressaltou-se ao pensar que não lhe estivera prestando atenção.

— Humml!... exclamou.

— Nem um, nem dois. Deves resolver isso quanto antes.

— Já está resolvido pai! Não posso namorar e casar, com um homem de quem não gosto.

— Deu-te p'raí.

— Não pai, não me deu. O que eu não posso é dividir o coração em duas partes!...

Manuel dos Anjos puxou uma fumaça vagorosamente.

— Já me falas como nos romances que a tua mãe aluga.

Rosa Maria levantou-se. Foi até à exigua janela que deitava para o quintal e apoiou a testa escaldante contra a frescura do vidro.

— Rosa!...

— Diga, pai.

— Ainda pensas no «António» da Costa?

Conto de JOÃO DE DEUS ANDRADE

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Hein? — inquiriu ele sem compreender.

— O pai bem sabe que sim!

O velho marítimo deu uma forte palmada num joelho. O raio da moça era tesa! Não desbancava dali nem a pau. Tinha a quem sair: à mãe, que em teimosia levava a palma a um burro!... Ora, ora; p'ra onde lhe dera! P'ra gostar do filho do Costal!...

— Mas esse diabo, nem ao menos veio falar comigo.

— Sabe que você não o «grama»!

— Qual não o gramo, rapariga! O moço fez-me cá algum mal?... O pai dele é que... e cerrou os punhos como que para esmurrar um adversário invisível — Bom. Isso não interessa. Vamos lá a saber o que é que resolves? Tenho que dar uma resposta ao Zé.

— Dê-lhe a resposta que quiser, pai. Contanto que com ele é que eu não me caso!

O Ti Manel soltou uma impreciação.

— Rás-ta-partal!... Queres então casar com um menino pipi, que parece ser um... um terrestre?

— O António é tão bom pescador como o José.

— Cala-te, cala-te!...

E cuspiu um pedaço de tabaco que lhe havia subido pelo cachimbo. Tão bom pescador como o Zé? A sua filha não regulava bem. No bacalhau nunca passava dos duzentos e vinte, duzentos e trinta quintais de peixe!... Bah! O outro sim, era mais homem, mais energético. Mais valia só um braço do Zé, que o filho do Costa todo inteiro, onhl! Além disso, tinha também a mania dos livros. Onde já se viu: um pescador a ler pelos cafés. Por aquele andar ainda chegaria a «barachel». Ai, como a filha estava lúdida!...

Olhou em redor e gritou para a mulher: — Então e tu, não dizes nada?

A cara metade parou de limpar a loiça.

— Queres que te diga uma coisa? — retorquiu meio zangada — A mim ninguém me obrigou a casar contigo. E tu, não eras o melhor pescador da Fuseta!

Manuel dos Anjos fitou-a de olhos escancarados. Seguidamente a sua boca abriu-se num largo sorriso de satisfação. Como a sua Anica sabia falar!...

ROSA Maria e António da Costa namoraram-se durante dois rápidos anos, fazendo mil projectos futuros, entre o arrulhar dos beijos que a Tia Anica fingia não ouvir.

Por fim, marcara-se a data para o sagrado nó.

— Dia de Natal é mais bonito — dissera D. Aurora que era a madrinha da noiva.

Todos concordaram. O novo casal iria depois morar para uma casinha na rua da praia, já completamente mobilada pelo esforço do moço pescador que não quisera que os futuros sogros gastassem um centavo. Só faltava a mobília da casa de jantar, mas o carpinteiro garantira-lhe que estaria pronta na véspera.

A casinha, o doce lar futuro, era, como aliás a maioria das casas da povoação, pequena e alegre. As suas paredes caiadas de branco pareciam desde já reflectir a felicidade que adentro delas iria morar brevemente.

Sobre a açoteia de ladrilhos também caiados de branco, erguia-se uma esguia chaminé moldada no estilo característico da região, por onde havia de subir direitinho ao céu um ténue fio de fumo.

Um pequeno quintal nas trazeiras da habitação, estava destinado ao cultivo de legumes ou de flores. Tinha um belo poço para isso.

— Hei-de fazer destes simples canteiros, o mais belo jardim do mundo — dissera Rosa Maria.

Ele sorria.

— Não gostas de flores? — perguntara a rapariga.

— Muito! Especialmente de... rosas!

Foi a vez de ela sorrir embevecida.

— Rosas, cravos... nascerá tudo quanto Deus Nosso Senhor abençoar.

— A flor mais linda já ele abençoou.

Maria corou; mas inquiriu em voz trémula: — Qual?

— Tu!

ANTE estas recordações, Rosa Maria soltou uma gargalhada. Haviam chegado ao areal. Sentaram-se na areia fina que de Verão fazia a delícia dos banhistas.

(Conclui no próximo número)

OS PESCADORES DE BERMEO

BERMEO é uma vila biscaínia com uma população ligeiramente superior à de Vila Real de Santo António. A sua configuração urbana é porém muito diferente da Vila do Marquês. Enquanto esta tem ruas amplas e regulares e casas de pequeno porte, a vila espanhola, devido ao pouco espaço de que dispõe, tem prédios de cinco e seis andares e as suas ruas não passam, na sua maioria, de vielas tortuosas. Bermeo conta 3.000 pescadores e possui a maior frota pesqueira de Espanha. Deve ser o centro principal da preparação do biqueirão. Tem 34 fábricas de preparação de peixe em salmoura e 24 fábricas dedicadas exclusivamente ao fabrico de biqueirão. Presentemente a existência deste peixe anda pelas dez mil toneladas e o seu maior consumidor é o mercado italiano.

Vejamos o que acerca da laboriosa vila biscaínia nos conta o jornalista Carlos Prieto Fernandez: «...Pode dizer-se que passam o ano inteiro a trabalhar. O seu programa de vida exige sacrifício. Nos meados de Março começa a temporada da pesca do biqueirão. Termina nos meados de Junho, dando-se começo então à pesca do bonito (albacora) que se prolonga até Novembro, embora desde o principio de Outubro até fins deste mês se pesquem muito menos quantidades de albacora. A faina da pesca obriga a grandes deslocações porque nem sempre os cardumes, especialmente os de albacoras, se aproximam das águas costeiras. As vezes é preciso ir até ao alto Atlântico.

«No Inverno a vida destes homens adquire caracteres heróicos. Por aqui é pouco o que se pode fazer. E deslocam-se até Dacar e Cabo Verde para capturarem uma espécie semelhante ao bonito, até que chega a altura de começar a temporada do biqueirão.

«Deste porto a Dacar a viagem exige cerca de vinte dias. Os fabricantes das Canárias dispõem de barcos «mães» para a pesca. Também eles procuram ali matéria prima para a sua indústria. Os bermeanos não dispõem de barcos frigoríficos necessários para conservar em bom estado a mercadoria. Isto constitui uma desvantagem grandíssima. Para trazer a pesca daquelas paragens precisam de uma congeladora e barcos com câmaras frigoríficas para armazenar neles a pesca das embarcações correntes. Mas aqui não há nenhum. Vêm-se obrigados a recorrer a aqueles pagando uma renda muito elevada. Em cada embarcação costumam ir catorze pescadores e deles no geral quatro são os proprietários. Todos os componentes da tripulação são habitualmente familiares.»

“MOLAFLEX” Standard
(colchão em medidas fixas)

O colchão ideal com garantia de duração e ótima comodidade, custando mais barato que o vulgar colchão de lã.

Temos sempre em depósito para entrega imediata, estes colchões, que vendemos a pronto e com grandes facilidades de pagamento.

O revendedor autorizado

ÁLVARO CORREIA DE CARVALHO
Rua Dr. Paula Nogueira, 29
Telefone 251 — OLHÃO

CASA DOS RAPAZES

Foram os seguintes os números premiados no sorteio promovido pela «Casa dos Rapazes» de Faro e realizado em 20 do corrente:

1.º Prémio — Aparelho de rádio Philips, n.º 25.181; 2.º — Bicicleta motorizada «Seta Popular», n.º 75.726; 3.º — Máquina de costura «Singer», n.º 29.715; 4.º — Máquina de lavar roupa «Servis», n.º 30.654; 5.º — Fogão a gás, n.º 15.728; 6.º — Bicicleta normal «Perfecta Veloz», n.º 36.110; 7.º — Fogareiro a gás, n.º 59.156; 8.º — Bicicleta normal sem marca, n.º 54.772; 9.º — Miniatura de um barco, n.º 45.261; 10.º — Máquina fotográfica «Penguin», n.º 25.622.

MOTOR

Vende-se marítimo H.M.G. 30/36 H.P. 700 R. a trabalhar ótimo estado.

Tratar Vila Real de Santo António telefone 124.

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BARCO DE ENVIADA

11,50 mts. motor diesel 30 HP est. novo, devidamente apetrechado TSF e ponte. Vende-se

Tratar Rua da Soledade, 15-1.º

OLHÃO

ACÇÕES

Da Companhia Barril ou Três Irmãos, de Távira, vendem-se 10. Maria João Vasconcelos, R. Rodrigo da Fonseca 135, 3.º Dto. — Lisboa.

e Carlos Celérico Medeiros, tinham, em comum, no capital social da sociedade comercial de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, Sociedade de Conservas Aliança, Limitada.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1957.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

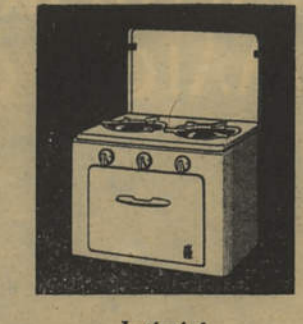
entusiasmo COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE!!



FOGÕES FRANCÊSES DE FAMA MUNDIAL

MAIS RENDIMENTO
MENOR CONSUMO
ACABAMENTO IMPECÁVEL

SE AINDA NÃO CONHECE OS FOGÕES FAR, PERGUNTE DAS SUAS QUALIDADES DE FABRICO E RENDIMENTO A MAIS DE DOIS MILHARES DE BOAS DONAS DE CASA QUE OS UTILIZAM!



A GÁS-A GAZCIDLA
(Adaptáveis a qualquer Gás)

À venda na CIDLA, Lisboa, em todas as suas Agências no País e nas casas da especialidade

A BOA COZINHA NO LAR SÓ COM GAZCIDLA E FOGÕES «FAR»

Com FARGRIL, o grelhador ideal, fará sempre bons grelhados

DISTRIBUIDORES:

J. COSTA & SILVA, LDA.

Rua Arco do Bandeira, 79, 1.º — LISBOA — Telefone 26713

AVEC FAR VOUS NE DIREZ JAMAIS... SI J'AVAIS SUI

A CAPTURA da sardinha pequena verdadeiro atentado à sobrevivência do pescador e à economia do País exige que sejam tomadas medidas energéticas pelas autoridades

Conclusão da 1.ª página

das nossas maiores indústrias, que tanto ouro traz para o País.

Ora o que se está a passar deve merecer a atenção das autoridades marítimas. Não queremos dizer que se proibam certas «artes» de exercer a sua função piscatória. Isso não, porque há pontos na nossa costa onde só podem laborar determinadas «artes» e a sua extinção muito viria prejudicar as centenas de pessoas que nelas trabalham assim como a economia dessas localidades. Referimo-nos às «artes» de xávega, que arrastam tudo para terra, peixes pequeninos e grandes e como tem de ser puxadas para seco, morre tudo na praia. As armatras fixas, os «cercos» e traineiras têm a facilidade de abrir as redes e de libertar os canudinhos vivos de prata que, mais tarde, no seu tamanho natural, dão um rendimento que representa ouro. Mas nas «artes» de xávega torna-se difícil esta operação, por serem arrastadas para terra e vir o peixe grado junto com o miúdo, e o pescador, que é ávido por natureza, por meio cento de sarrações não tem pejo de matar muitos milhares de sardinhas pequeninas que amanhã representavam dúzias de barcos carregados de tão preciosa riqueza.

Deve merecer a nossa simpatia todo o mestre pescador que ao ver na rede sardinha miúda lhe dá liberdade, pois demonstra ser pessoa conscienciosa, assegurando o seu futuro e o dos seus semelhantes. O que procede de outra maneira, carregando barcos de peixe sem a medida exigida por lei e mandando-os para portos onde a vigilância não é tão rigorosa, comete um grande crime. Para estes indivíduos não deve haver a menor contemplação. As autoridades devem cassar-lhes a carta de mestre porque não é admissível que homens desses à testa de uma companhia de trinta ou mais homens, seus discípulos e que amanhã podem ser também mestres, dêem exemplos maus que podem ser imitados pelos seus companheiros, os quais correm o risco de se esquecer que há pescadores honestos que, enfrentando grandes tormentas, arriscam a vida em procura de peixe com dimensões legais.

Acerca das «artes» de xávega pa-

NECROLOGIA

José Pedro da Graça

Faleceu o sr. José Pedro da Graça, de 61 anos, oficial da marinha mercante, natural de Vila Real de Santo António e residente em Lisboa há muitos anos. Era casado com a sr.ª D. Natália da Nazaré Nogueira, pai da sr.ª D. Zilda Rodrigues da Graça e do sr. José Rodrigues da Graça, irmão das sr.ªs D. Maria e D. Isabel da Graça, tio do sr. Emílio da Graça Correia e cunhado do sr. Fernando Toscano Alves, proprietário na capital. À família enlutada apresentamos os nossos pésames.

D. Leopoldina Amélia Peres Padinha

Faleceu no Porto em casa de seu sobrinho sr. major Francisco Eduardo Madeira Antunes de Sousa Nazaré, a sr.ª D. Leopoldina Amélia Peres Padinha, viúva do saudoso e prestigioso médico tavnense dr. António Peres Padinha. Era prima das sr.ªs D. Luísa Peres Machado, casada com o sr. dr. Bernardino Machado Guimarães e D. Maria Dulce Peres Machado, casada com o sr. dr. Domingos Machado Guimarães. À família enlutada apresentamos os nossos pésames.

Menina Maria Isabel Abecassis Vargas Capa de Brito

A bordo do paquete «Moçambique» chegou o corpo da menina Maria Isabel Abecassis Vargas Capa de Brito, filha da sr.ª D. Maria Cristina Abecassis Vargas Capa de Brito e do sr. Custódio Joaquim da Conceição de Brito, que, seguindo de Lisboa em auto-funúebre, ficou depositado em jazigo de família no cemitério de Vila Real de Santo António.

DESPORTOS FUTEBOL

Campeonato Distrital de Apuramento para o Nacional da III Divisão

O SILVES

conseguiu o resultado mais volumoso da jornada

Desportivo, 1 — Lusitano, 1

Jogo pobre, despido de emoção, onde nem sequer a perspectiva do 2.º lugar na classificação espreitou o brio da turma local. Havia de ambos os lados a preocupação defensiva e esta tática, injustificável, redundou num despique sem brilho, enervante.

Na primeira parte o Desportivo ainda deu um «ar da sua graça» coroado com um «tiro» que Abraão não pôde defender. No segundo tempo os visitantes obtiveram o empate, merecido, mercê duma jogada consentida espectacularmente.

Campeonato Distrital de Juniores

Resultados de domingo:

Zona de Barlavento
Portimonense, 0 — Silves, 2

Zona de Sotavento
Olhanense, 7 — Lusitano, 0
Farense, 8 — Unidos, 0

Jogos para amanhã

Zona de Barlavento
Clube Esperança-Portimonense

Zona de Sotavento
Lusitano-Unidos
Farense-Olhanense

por toda a defesa, que ficou «colada» no terreno. Ambos os grupos valem incontestavelmente mais do que mostraram.

A arbitragem, do sr. Rodrigues Encarnação, em bom plano, coadjuvada por «lines» experientes. — C.

Louletano, 0 — Unidos, 2

Os sambrasenses, com futebol mais prático e objectivo, realizaram, de parceria com o Louletano, um jogo emotivo e agradável de seguir.

B. E. de Portimão, 0 — Silves, 6

O Silves, fazendo alarde da sua boa categoria actual, desfeiteou os aguerridos barlaventinos, no seu próprio campo, com um resultado volumoso.

Jogos para amanhã

LUSITANO 14 p. - LOULETANO 8 p.
SILVES 11 p. - DESPORTIVO 10 p.
UNIDOS 10 p. - B. E. PORTIM. 3 p.

II DIVISÃO

Três «destinos» a quatro golos...

Conclusão da 3.ª página

repugna acreditar no abismo que deve ter separado os dois elencos, a catalogá-los como primeiro e dos últimos, a despeito dos números os pretendem nivelar.

O ambiente e a frase de Pombal, devem ter atido ao rubro os «amarelos», ao ponto de duas penetrações vitoriosas numa defesa sólida, que acusou deslizos. Mais, isto prova que o adversário não foi tão difícil como em Olhão, atirando-se para o ataque, pela «sobrevivência».

Portimonense, 4 — Estoril, 0

Portimão voltou a trepar no domingo em renitência pelo 5.º lugar, que todo o Algarve continua a aguardar caiba aos Barlaventinos, pelo 100%. Invulgar duma qualificação honrosa para o futebol da província algarvia.

«Ganhando» em Coruche e no Montijo, o 4-0 imposto no seu terreno, ao grupo da Costa do Sol, deu-lhe novo e vigoroso impulso para a subida.

Em face do pelotão dos terceiros se ter diluído, os portimonenses continuam a afirmar-se sérios candidatos àquele posto cimeiro.

Resultado amplo com margem para se acreditar num ataque que continua a progredir, a poder de golos palpáveis, sublinhando de modo iniludível os seus triunfos.

Com Serpa e Juventude em «agenda» para próximas visitas ao Estádio Portimonense, o 3.º lugar dos algarvios afirma-se mais provável, tanto mais que o Atlético desistiu já de antemão da luta...

Jogos para amanhã

JUVENTUDE - OLHANENSE
FARENSE - SERPA
PORTALEGRENSE - PORTIMON.

António A. Santos

O NOSSO PLANO É VASTO e podemos considerá-lo audacioso

confessou-nos António Samúdio

Conclusão da 3.ª página

confiados, não haja receio de que, ao fim e ao cabo, os dinheiros arrecadados possam ser desviados para outros fins.

Isso seria o fracasso da nossa iniciativa. Será mais fácil a dissolução da Comissão, se circunstâncias estranhas a tal obrigarem, do que a desvirtuação dos seus objectivos fundamentais, aliás bem necessários para o Lusitano...

— É certo que pouco tempo têm ainda de actividade. No entanto, como nada se faz sem dinheiro, querera proporcionar alguns números aos nossos leitores?

— Sim, e até com muito gosto. Embora nos encontremos ainda no período a que chamaremos de ensaio de possibilidades, os fundos arrecadados somam apenas Esc. 4.658\$00. Não estamos todavia desanimados com as perspectivas. Não são números expressivos mas... demos tempo ao tempo!

— Deseja fazer mais alguma declaração para o *Jornal do Algarve*?

— Desejo apenas apelar para todos os vilarrealenses, tanto os que aqui vivem como os espalhados pelo mundo, para que nos auxiliem, de qualquer maneira, nesta cruzada de bem servir, nesta causa que é de todos: O engrandecimento do nosso glorioso LUSITANO.

— Obrigado, António Samúdio. O seu apelo vai ser lançado e sinceramente lhe desejamos êxito, a bem do popular clube pombalino.

E assim deixámos o Parque de Jogos «F. G. Socorro», satisfeitos por vermos que a sua conservação e embelezamento está entregue a pessoas de fé e coragem, que apesar de tudo, apesar de todas as dificuldades, confiam no futuro.

ATUM

SARDINHA

ANCHOVAS

CAVALA

BONITO

CARAPAU



Capa

Neptuno

Dois Garotos

Guadiana

Estátua

Juventude

PRODUTOS E MARCAS

DE

PILOTOS & CAPA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Ensino no Algarve

Justo prémio a um aluno de Vila Real de Santo António

O Grémio Nacional dos Proprietários de Estabelecimentos do Ensino Particular distribuiu anualmente seis prémios aos alunos melhor classificados de todo o País. Dessa meia dúzia de prémios referentes ao ano lectivo de 1956-57, coube o segundo ao nosso conterrâneo Mário José de Almeida Lança, que obteve a classificação de 16,5 valores, no segundo ciclo frequentando o Externato Nacional, desta vila. Os outros cinco prémios couberam a estudantes do Porto, Braga e Peso da Régua.

O galardoador, que já obtivera no primeiro ciclo o terceiro prémio, é filho do nosso amigo sr. Mário Antunes Lança e frequenta presentemente o 6.º ano do Liceu Camões, em Lisboa, onde certamente continuará a marcar uma posição de relevo.

Seis novas escolas e uma cantina

Da série de 173 escolas construídas ao abrigo do Plano dos Centenários e agora entregues pelo Ministério das Obras Públicas, couberam ao Algarve as seguintes, além de uma cantina escolar em Lagos: Alcoutim (Vaqueiros), núcleo de Taipas, um edifício de uma sala, misto; Faro (Santa Bárbara de Nexe), núcleo de Pé do Cerro, um edifício de uma sala, misto; Estoi, núcleo de Azinhal e Amendoeira, um edifício de uma sala, misto; Conceição, núcleo de Ferradeira, um edifício de uma sala, misto; Silves (Armação de Pêra), núcleo de Armação de Pêra, um edifício de duas salas, um sexo; Tavira (Cachopo), núcleo de Cerolos, um edifício de uma sala.

Nomeações

Foram nomeados, por conveniência urgente de serviço e durante o ano escolar corrente, para os liceus adiante indicados, os seguintes professores de serviço eventual: Liceu de Faro: sr.ªs dr.ªs Maria Aurélie Saraiva Vieira e Aida Antunes Pinheiro — 2.º grupo; Liceu de Portimão: sr.ªs dr.ªs Maria Aurélie de Jesus Saraiva e D. Maria da Conceição de Matos — 1.º grupo, dr.ªs Adelina Júlia Serpa — 2.º grupo, Maria Margarida Marini de Araújo Abreu — 6.º grupo, Maria Aurélie Fernandes Leite de Castro — 8.º grupo e D. Elisa Baptista Lúcio da Silva Dutra — Canto coral.

— O professor auxiliar do 7.º grupo em serviço no Liceu de Portimão, sr. dr. Francisco Prudêncio Júnior, foi nomeado secretário do referido liceu.

— Foram autorizados a residir nas localidades abaixo indicadas os professores de serviço eventual do Liceu de Portimão, srs. dr. João António da Silva Vieira — 4.º grupo, Ramiro Cândido Cordeiro Laranjo — 9.º grupo, ambos em Lagoa e D. Judite Silveira Correia Pinto — Lavores Femininos, em Silves.

— Foram nomeados por conveniência urgente de serviço, para as escolas, grupos e graus abaixo mencionados, os seguintes professores provisórios: Escola Industrial e Comercial de Faro: srs. Manuel Francisco dos Santos Domingues — 6.º grupo, 1.º grau e José Armando Simões — 2.º grupo, 2.º grau; Escola Industrial e Comercial de Silves: sr.ªs D. Maria Helena Silva de Sousa e Costa — 5.º grupo, 2.º grau, D. Maria Pires Teixeira Dias — 8.º grupo, 2.º grau, srs. dr. Salvador dos Santos Alves — 8.º grupo, 2.º grau e José de Oliveira — 8.º grupo, 1.º grau.

— Foram nomeados contramestres de carpintaria-marcenaria e de serralharia da Escola Industrial e Comercial de Lagos, respectivamente, os srs. Rogério António dos Santos e António Lopes da Silva.

— Também o sr. José Joaquim Gonçalves Estêvão, foi nomeado contramestre provisório de serralharia da Escola Industrial e Comercial de Silves.

— Foi aprovado o contrato celebrado por conveniência urgente de serviço que nomeia o sr. dr. Manuel Aleixo para o cargo de professor, contratado, de Formação Corporativa da Escola Industrial e Comercial de Faro.

O ANO QUE VEM

Conclusão da 1.ª página

triste de que os egoísmos, a sofreguidão louca que se desinterece para dos direitos maioritários para salvaguardar os seus discutíveis direitos, não de distanciar cada vez mais os homens, afundando a vala onde todos correm o risco de cair.

Não vemos motivos que nos tranquilizem ao escancararem-se as portas de 1958. A linguagem temerosa mas aparentemente marcial, as alusões a tremendos poderes destruidores, a desconfinança de que os filhos de Deus já perderam a segurança no seu efémero marifrio terreno, tudo isto, bem adubado do egoísmo suicida que se nos depara a propósito de valores tão ridículos às vezes que um mendigo honrado desdenharia deles, tudo isto, repetimos, não nos tranquiliza e faz-nos descrever daquelas imaginárias virtudes que a condescendência benévola de alguns concede a todos — a bondade, a compreensão, a tolerância e um coração aberto às dúvidas e às misérias alheias.

Nós, algarvios, que somos uma partícula ínfima da Humanidade, ínfima em volume e não muito saliente em virtudes, sentimo-nos apreensivos pelo mal que a nós próprios podemos causar, com as nossas birras e mexeriques e sentimos também um mal maior que sobreleva egoísmos ocasionais e doentios — o mal que impende sobre toda a Humanidade — a destruição.

Que cada um de nós pense nas dramáticas surpresas que as circunstâncias nos podem ofertar e medite nestas «insignificâncias» sobre as quais se alicerçaram as garantias da permanência do homem no seu mundo — a bondade, a tolerância e a coragem. A coragem de vencer as inferioridades, que no conceito moral ultrapassa a coragem de vencer brutalmente. Deixemos esta possibilidade aos alarves.

ESTIVA

Fábrica de Conservas de Peixe pelo Sal

VENDE-SE no melhor centro do Sul do País.

Dirigir correspondência à Redacção deste Jornal, letras FDS.

— BARDAHL —

ção das espécies icticas existentes na costa algarvia. A continuar a apanha de peixe miúdo teremos que lamentar a ruína da pesca e da indústria conserveira do nosso País.

Eurico Santos Patrício

BUKH-DIESEL

O MOTOR QUE GARANTE LONGA DURAÇÃO

BUKH-DIESEL

SIMPLICIDADE E ROBUSTEZ ALIADAS À MELHOR TÉCNICA EM DIESEL

BUKH-DIESEL

É A CERTEZA DA MAIS EFICIENTE ORGANIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA

BUKH-DIESEL

O PREFERIDO PELO ENTENDIDO E PELO LEIGO

SÍMBOLO DE POTÊNCIA

BUKH Diesel

MOTORES MARÍTIMOS

Agente no Algarve

JOSÉ MENDES, L.ª

Rua da Soledade, 17-21-OLHÃO-Telef. 413

Moínho e Corta forragens

= numa só máquina =

que prepara comida para todos os animais

Distribuidores:

AGÊNCIA COMERCIAL, L.ª

ÉVORA — Rua da República, 93 — Telefone 23363

LISBOA — Rua da Boa Vista, 76-1.º — Telefone 34759

A conferência do sr. eng. Farrajota Cavaco

na sessão promovida pela Câmara Municipal de Loulé para distribuição de prémios aos alunos mais classificados do concelho

A Câmara Municipal de Loulé efectuou no domingo, conforme noticiámos, uma sessão solene para distribuição de prémios aos alunos mais classificados do concelho, na qual foi proferida, pelo nosso presado colaborador sr. eng. José Maria Farrajota Cavaco, uma conferência subordinada ao tema «Condições da Cultura».

Impossibilitados, por falta de espaço, de a inserir na íntegra, publicamos a seguir alguns trechos de tão valioso trabalho:

«A instituição de prémios para os alunos mais classificados deste concelho e o significado e projecção destas sessões de distribuição, já foram, aqui nesta mesma sala e em sessões anteriores, devidamente analisados, exaltados e colocados no lugar que lhes competia.

Todavia, nunca é demasiado tributar louvores a quem os merece, e por isso não posso deixar de me referir ao alto significado e projecção da deliberação da Câmara de Loulé, tomada em sessão de 25 de Outubro de 1944, e na qual se pretendeu honrar o mérito dos alunos, louletanos por nascimento, que mais se distinguiram nos diversos graus de ensino.

Ao aluno mais classificado em cada escalão cabe prémio pecuniário, e um diploma, e nesta regulamentação se evidencia o bom senso camarário, estabelecendo uma recompensa material pelo esforço desenvolvido na obtenção de melhores resultados, e, em simultâneo, outorgando um diploma que atesta uma distinção

espírita e que, como estímulo, como exemplo, e como recordação de um triunfo, será grato conservar por toda a vida.

Na verdade, estamos habituados a ver atribuir distinções particulares e públicas por compadrio de clã, por favoritismo político, por condição de nascimento ou de casta económico-financeira, e de tal modo nos acostumámos a esta distorção de valores, que marcamos como excepção aquilo que hábito devida constituir — ou seja a distinção por mérito próprio.

Os homens que «por suas obras valorosas se foram da lei da morte libertando» e nos legaram o capital espiritual chamado «humanidade», estavam profundamente integrados na cultura do seu tempo, e a sua acção era uma consequência imperativa das suas convicções. O pensamento e a acção eram harmónicos e coerentes com o outro, e desta concordância resultou a profundidade das suas obras e a «verdade» da sua época.

Hoje, pensamento e acção andam divorciados, e desta incoerência, e

desta discordância, resulta a «mentira» da nossa época.

A revisão e reajuste dos nossos conceitos é uma arma de defesa tão necessária quanto as bombas atómicas, e, se a desprezarmos, as consequências poderão ser muito desastrosas.

Quem molda o seu pensamento por valores medievais, deveria andar de carroça e não de automóvel, iluminar-se a candieira de azeite e não a luz fluorescente, e trocar as suas camisas de «nylon» pelo conforto metálico das armaduras da cavalaria andante.

Na realidade, é bem difícil pertencer integralmente à época em que se vive, e sirva o exagero da caricatura para chamar a atenção para o eterno humano que palpita na nossa época com tanta ou talvez mais intensidade que em qualquer outro período da história.

As realizações científicas e técnicas estão a pôr o mundo nas nossas mãos. Nunca, como hoje, um tão grande domínio das forças da natureza foi alcançado pelo homem. As possibilidades do espírito são mais amplas que nunca.

A cultura serve para ver como estas forças se articulam, saber qual a sua incidência sobre os nossos destinos e fornecer-nos meios para as utilizarmos a nosso favor. Por isso lhe dedicámos esta análise, sem dúvida superficial e incompleta, visto que o desenvolvimento de qualquer dos temas aflorados constituiria extensão incompatível.

CADA ATUNEIRO JAPONÊS PESCA ANUALMENTE cerca de 3.000 toneladas de atum

Conclusão da 1.ª página

«Há muitas fábricas de conservas no Japão? — Sim, mas são todas muito pequenas. Não esqueça que o Japão é talvez o país onde se consome mais peixe no mundo. Todas as nossas refeições são à base dele e por essa razão a maioria da pesca consome-se em fresco.

— E quanto a exportação? — Fazem-na principalmente para os Estados Unidos. Mas só de a quinze por cento do que se pesca. — E que espécie de peixe? — O atum. Desta espécie obtém cada barco uma média anual de três mil toneladas. Exportamos também salmão e caranguejo que industrializamos em navios-fábricas especiais.

— Não pescam outras espécies? — Sim, mas em menor escala. Uma variante do bacalhau, que se consome quase todo em fresco, cavalas e «sardinhas».

Devemos acrescentar que os dois japoneses, que seguiram para Cádiz, interessaram-se muito pelo nosso sistema de frio, pelas «parelhas» e pelas fábricas de farinha de peixe, que não existem no Japão.

E despedimo-nos, até breve, dos nossos leitores algarvios, com o desejo de que a conversa que acabam de escutar lhes aproveite. — Angel Perez

— Há muitas fábricas de conservas no Japão?

— Sim, mas são todas muito pequenas. Não esqueça que o Japão é talvez o país onde se consome mais peixe no mundo. Todas as nossas refeições são à base dele e por essa razão a maioria da pesca consome-se em fresco.

— E quanto a exportação? — Fazem-na principalmente para os Estados Unidos. Mas só de a quinze por cento do que se pesca.

— E que espécie de peixe? — O atum. Desta espécie obtém cada barco uma média anual de três mil toneladas. Exportamos também salmão e caranguejo que industrializamos em navios-fábricas especiais.

— Não pescam outras espécies? — Sim, mas em menor escala. Uma variante do bacalhau, que se consome quase todo em fresco, cavalas e «sardinhas».

Devemos acrescentar que os dois japoneses, que seguiram para Cádiz, interessaram-se muito pelo nosso sistema de frio, pelas «parelhas» e pelas fábricas de farinha de peixe, que não existem no Japão.

E despedimo-nos, até breve, dos nossos leitores algarvios, com o desejo de que a conversa que acabam de escutar lhes aproveite. — Angel Perez

FOI REPRODUZIDO num postal um discurso do sr. Presidente do Conselho

COM rara habilidade e paciência, conseguiu o sr. Rafael Estêvão Rosa Guerra, litógrafo-desenhador há muitos anos residente em Vila Real de Santo António, reproduzir num bilhete postal dos correios o discurso proferido em 1 de Novembro último pelo sr. Presidente do Conselho. Em tão reduzido espaço transcreveu nada menos que seis mil palavras com 31.000 letras, o que representa trabalho prodigioso.

O postal foi oferecido ao sr. dr. Oliveira Salazar, com uma dedicatória de boas-festas, remetendo o artista fotocópias às entidades que as requisitem.

Felicitando muito justamente o autor, agradecemos a fotocópia que nos enviou.

REGULAMENTAÇÃO da pesca da sardinha

DO decreto recentemente publicado e que amplia a legislação que regula a indústria da Pesca da Sardinha, extraímos os seguintes dois parágrafos do artigo 14.º: 2.º — Nos casos de ser apresentado peixe à venda em local diferente do autorizado, em épocas fixadas para o seu defeso ou, ainda, de tamanhos inferiores ao estabelecido, será a pescaria apreendida e vendida em hasta pública, revertendo o seu produto para o Estado. 3.º — Aos mestres das traineiras que apresentarem à venda peixe de tamanho inferior ao estabelecido serão cassadas as cartas e cédulas marítimas, na primeira transgressão pelo prazo de três a trinta dias e nas seguintes de trinta dias a um ano.

Na Casa do Algarve EM LISBOA

foram distribuídos auxílios aos algarvios pobres

Conclusão da 1.ª página

Maria Eugénia Mardel Correia, dr.ª Maria João Lopes do Paço, dr.ª Maria Odette Leonardo da Fonseca e D. Rosário Fernandes Salgado Moreno.

E não menos digna de relevo, tem sido a acção dos presidentes da comissão de beneficência, honorário e efectivo, respectivamente srs. coronel engenheiro Aboim Ascensão de Sande Lemos e dr. Amadeu Ferreira d'Almeida bem como dos seus vice-presidentes sr. dr. Humberto Pacheco e Libânio Correia e do seu secretário, sr. Fernando Daniel Reis.

A distribuição efectuou-se na nossa Casa Regional, na segunda-feira, antecedida de breves palavras alusivas ao acto, pela sr.ª D. Raquel Maria da Graça Mira, duma alocução, pelo rev. João Soares Cabeçadas e ainda de algumas palavras do presidente da direcção, sr. major Mateus Moreno e do sr. coronel engenheiro Aboim Ascensão de Sande Lemos, de agradecimento às senhoras assistentes e a quantos tornaram possível esta enterecedora festa.

É DESOLADOR o estado de abandono

em que se encontra o cemitério de S. Bartolomeu de Messines

Conclusão da 1.ª página

tério, gastando uns duzentos contos. Este ficava distante da localidade e depois de terem feito uns setenta enterramentos, abandonaram-no por o terreno não servir.

Na porta do novo cemitério em vez de uma cruz, como se vê em todos os cemitérios católicos, colocaram no cimo das cantarias duas bolas de pedra, o que dava a impressão de que aquilo era um campo de bola e não um cemitério. E não há dúvida nenhuma de que a profecia não errou. Vai ali ser construído um campo de jogos logo que decorra o tempo preciso para a remoção das ossadas.

Como a sr.ª D. Amália Figueiredo ofereceu terreno anexo ao velho cemitério, as autoridades resolveram ampliá-lo. Fizeram umas paredes há quase dois anos e derrubaram parte de uma parede do cemitério para fazerem a ligação entre este e a ampliação e tudo ficou por aí, oferecendo um desolador aspecto. Também não foram substituídos os gigantescos ciprestes arrancados pelo ciclone.

A responsabilidade de todo este desleixo não cabe apenas às autoridades. Os particulares também têm culpa. Aquelas competiria a conservação das paredes, arruamentos decentes e alinhamento das sepulturas, assim como a limpeza geral do cemitério, para isso dando conveniente remuneração ao coiveiro. Mas aos particulares caberia a limpeza das campas dos seus entes queridos, bem como o seu embelezamento e decência. E' triste ver-se os gradeamentos despedaçados e por pintar.

No dia de finados poucos são aqueles que se lembram de ir ao cemitério cuidar das sepulturas, tal como se faz nas outras terras do País.

Não há disciplina também na cabeceira das campas, pois cada um as volta para onde quer e entende, quer dizer umas voltadas ao Norte e outras ao Sul. Também não há local destinado ao enterramento dos menores, sendo sepultados entre os adultos, em perfeita confusão.

Não se compreende tanto desleixo que constitui uma vergonha para os messineses.

Visado pela delegação de Censura

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Versos tristes, sois de dó,
Pobres versos, versos meus...
Sois como um pouco de pó
Que teime em subir aos céus!...

MARIA HERMÍNIA

Gambém na cozinha se

podê ser artista

Sardinhas à espanhola — Fritam-se as sardinhas. Deixa-se repousar o azeite que sobrou da fritura. Tira-se depois de algum tempo a parte limpa do azeite, que se leva ao lume com rodas de cebola, dentes de alhos pisados e bocados de tomates, limpos de peles e sementes. Deixa-se cozer a cebola, porém de modo que se não desfaça. Colocam-se as sardinhas num prato coberto, por cima põem-se tiras de pimentões assados e limpos de pele e deita-se por fim o molho, que foi preparado como dissemos.

Esteja atenta

A dona de casa que convida grande número de pessoas para uma festa, deve ter o máximo empenho em tornar-lhes agradável a estada no seu lar, percorrendo as mesas e os lugares onde as mesmas se encontrem reunidas, a fim de atender os convidados com toda a solicitude e evitar que alguém fique esquecido.

O doce nunca amargou

Ovos moles com amêndoa — Põem-se ao lume 250 grs. de açúcar e deixa-se chegar a ponto de espadana. Depois retira-se do lume, deixa-se esfriar e juntam-se-lhe 6 gemas.

Numa taça de cristal dispõem-se fatias de pão de ló seco, cortadas fininhas e regam-se levemente com vinho do Porto.

Estende-se sobre elas depois uma camada de ovos moles e outra de amêndoas que previamente se têm pelado, torrado ao de leve e cortado muito miudinho. As camadas podem repetir-se pela mesma ordem, terminando com a camada de ovos moles salpicados com as amêndoas.

Ornamentam-se com bocadinhos de cerejas cristalizadas, contas prateadas ou pastilhas de chocolate, segundo o gosto e fantasia da ornamentadora.

É agora não ria!

Um mancebo ao apresentar-se à inspecção, alega miopia e consegue fingi-la com tanta habilidade que o declaram incapaz.

Para celebrar o facto vai ao cinema mas, mal se senta, vê com terror que o seu vizinho é o médico militar que o inspecionara. Então dirige-se-lhe e pergunta-lhe:

— Perdoe-me cavalheiro; este é o comboio que vai para Lagos?

CORTEJO DE OFERENDAS em Silves

Conclusão da 1.ª página

dos sócios do Sport Lisboa e Algoz. O rendimento deste cortejo foi superior ao que se organizou há seis anos.

ALGOZ deu contributo valioso para o Cortejo de Oferendas realizado em Silves

ALGOZ (Silves) — Como se previa, foi valiosa a representação da freguesia de Algoz no Cortejo de Oferendas realizado em benefício do Hospital da sede do concelho.

Todos deram o melhor do seu carinho e esforço para tão útil empreendimento, tendo-se apurado a verba de 4.523\$50, além de duas camionetas com géneros e artigos diversos.

Destacou-se pela originalidade o automóvel do simpático clube algozense, onde figurava a taça «Caridade», executada por artistas locais. — C.

Colchões MOLAFLEX

Com um lado para Verão e outro para Inverno, com dez anos de garantia para as molas.

Representante em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Emiliano da Conceição Viegas

Rua Teófilo Braga, 75 e 77



EXCELSIOR

Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA



Temperatura Primavera todo o ano!

ISOLANDO A SUA CASA COM AGLOMERADOS DE CORTIÇA

Ponha ar condicionado na sua casa pelo processo mais económico e eficiente. Isole-a com cortiça. A cortiça é o melhor material de isolamento em todo o mundo, evita o calor, o frio e o barulho. O esquema mostra como o isolamento de cortiça protege uma casa dos rigores do tempo. Para mais detalhes, queira dirigir-se a ISOLA.

COMPANHIAS ASSOCIADAS
Mundel & Cia., Ltda. — Sociedade Corticeira Robinson Bros., Ltda. — Infil, Ltda. — Sociedade Portuguesa de Aglomerados de Cortiça, Ltda. — Socorquex, Ltda. — Corça Fábrica de Aglomerados de Cortiça, Ltda.
AGENTES EM TODO O PAÍS

ISOLA

SOCIEDADE COMERCIAL DE ISOLAMENTOS DE CORTIÇA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 17, 2.º — TEL. 478 24 — LISBOA

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM
MANILA - SISAL - CAIRO
LINHO - ALGODÃO
MALHETAS-FIOS PARA REDES
FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA TELEFONE 023034

BARREIRO